

**ANÁLISE DOS FATORES INFLUENCIADORES NA
DISCIPLINA ESCOLAR**

Aluna: Claudinéia Vilar Sônego

Orientadora: Simoni Vilant de Biasi

Curitiba, fevereiro de 2010.

RESUMO

O presente artigo vem com a proposta de abrir um maior horizonte acerca dos fatores que influenciam na disciplina de crianças em fase escolar inicial. Com o estudo nota-se que os fatores não são apenas intrínsecos, mas também extrínsecos fazendo com que os professores que antes eram apenas um mediador de conhecimentos agora tem outras funções a desempenhar, tais como: educação, postura, higiene pessoal, respeito, ética, dentre outros. Fazendo assim o papel da família, o papel social.

Palavras-chave: Escola, Indisciplina escolar, Disciplina escolar, aluno.

ABSTACT

This article comes with the proposal to open a larger horizon of the factors that influence the discipline of children starting school do.

With the study notes that the factors are not only intrinsic but also extrinsic factors causing teachers who have been just a mediator of knowledge now has other tasks, such as education, attitude, personal hygiene, respect, ethics , among others. By doing so the role of the family, the social role.

*

* Texto elaborado com a finalidade de se ter uma melhor compreensão acerca dos fatores influenciadores na disciplina escolar.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se norteia em base das influencias que vêm a interferir na disciplina de alunos dentro e até mesmo fora das salas de aula. Sabe-se que durante anos a disciplina, o controle dentro de uma sala de aula foi mantida à base da palmatória, com o maior rigor e autoridade; já hoje, isso não acontece mais e nem se deve acontecer, uma vez que esse tipo de comportamento é proibido, considerado como agressão. Hoje o comportamento dos profissionais da educação é extremamente diferente onde o aluno é tratado com respeito, com compreensão, paciência, no entanto, parece que com isso, criou-se no decorrer do tempo uma confiança, uma autonomia nos alunos, os sentindo no direito de fazerem o que desejarem dentro de uma sala de aula, sem medo, ainda que não permitido

No entanto, o presente artigo vem aclarar tais questões para uma melhor compreensão do assunto, mostrando que os fatores causadores de tal situação de desordem dentro de uma sala de aula não é apenas resultado intrínseco, resultado de mal preparo de professores ou projetos pedagógicos, mas também reflexo de fatores extrínsecos, principalmente do berço familiar, onde se tem os primeiros ensinamentos, os primeiros limites a base da educação; onde o professor vem apenas a complementar.

Com o estudo é possível entender o presente das crianças que vivem nessa sociedade tão desordenada, sem limites, se consegue até de forma singela entender o porque de tais comportamentos não aceitáveis, das crianças em series iniciais. Entende-se que a formação de um cidadão é racionalmente incompreensível, em meio a tantos fatores que o rodeia, em meio a tantos fatores responsáveis por tal formação.

O estudo baseou-se em livros, artigos e sites da internet onde traziam questões relacionadas ao tema.

1. A IMAGEM DO QUE A ESCOLA ERA E DO QUE ELA É

A educação, num sentido mais amplo, não deixa dúvida da sua função social, sendo um fator decisivo na humanização do homem. Os grupos humanos, constituídos culturalmente como tal, laboraram, ao longo do tempo, instrumentos, artefatos, costumes, normas, códigos de comunicação e convivência como mecanismos imprescindíveis para sua sobrevivência. Esses mecanismos não se fixam biologicamente nem se transmitem através da herança genética. Os grupos humanos põem em andamento processos externos de transmissão para garantir a sobrevivência das novas gerações e de suas conquistas sociais. Esse processo costuma ser genericamente denominado de educação. A educação não pode ser considerada como um processo linear, mecânico. Pelo contrário, é um processo complexo e sutil e a escola é o local privilegiado dessa formação porque realiza um trabalho sistemático e planejado com o conhecimento, com valores, com atitudes e com a formação de hábitos.

A escola é uma instituição extremamente complexa. Sua função tradicional é a de facilitar a inserção do indivíduo no mundo social. O indivíduo deve aprender as formas de conduta social, os rituais e as técnicas para sobreviver. Ao longo do tempo as funções da escola foram sendo ampliadas, passando a abranger outras, tais como: cuidar das crianças enquanto os pais trabalham; socialização, colocando as crianças em contato com outras e ensinando normas básicas de conduta; aquisição de habilidades básicas como ler, escrever, expressar-se, lidar com a aritmética, os conhecimentos científicos; orientação às crianças nos ritos de passagem para a adolescência, visto que é uma fase bastante difícil devido às mudanças biológicas e psicológicas que ocorrem no organismo.

A escola também promove ritos de iniciação de um nível escolar para outro, que às vezes submetem os indivíduos “a provas que servem de seleção para a vida social, que estabelecem discriminações entre elas, pois só as que

adquirem as competências estabelecidas pela sociedade serão aceitas". (FREITAG, 1980, p. 32).

Então, a escola tem mais funções do que parece, sendo que o atendimento a tantas e tão diversificadas funções faz com que as crianças acabem permanecendo mais tempo na escola do que em companhia de seus pais. Portanto, as escolas contribuem para que as sociedades se perpetuem, pois transmitem valores morais que integram as sociedades.

2. POSSÍVEIS CAUSAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR

E meio a tantos deveres que a escola hoje vem a ter; a ordem, a autoridade, a disciplina acabou sendo aos poucos adormecida e então quando se percebeu, já não havia mais como retomar o controle de tais situações e se aparece então o grande problema; a indisciplina dentro das escolas e das salas de aulas. Não se pode afirmar que antes não se tinha indisciplina escolar, muito pelo contrario, até porque se não houvesse, não se teria os castigos de palmatória e tão pouco o ajoelhar em grãos de milho e tampas de garrafa; no entanto com o acumulo de responsabilidades que a 'figura escola' passou a ter, ficou difícil de manter uma hierarquia de superioridade perante as indisciplinas dos alunos.

No meio social onde hoje se vive, fica a cada dia mais difícil de educar uma crianças. Pais que trabalham excessivamente, sem tempo para os filhos, meios de comunicação, como o televisor totalmente sem cultura, e como a internet que é aberta a todo tipo de coisa tanto boa quanto ruim.

É muito difícil e até impossível se identificar culpados, ou culpado por tais comportamentos hoje tidos por crianças nas escolas, salas de aula e até nas suas casas e no meio social, porém, de uma coisa é certo, tanto fatores intrínsecos e extrínsecos a uma sala de aula tem sua porcentagem de participação deste resultado hoje vivenciado em todo o mundo.

3. FATORES INTRÍNSECOS A ESCOLA

3.1 Ambiente Escolar

Ao começar sua vida escolar a criança vai iniciar um intenso processo de socialização, deparando-se com uma organização escolar que lhe é desconhecida e com uma série de regras que serão interiorizadas e cumpridas a fim de possibilitar uma relação de convivência. Assim, o aluno terá que aprender as novas regras da organização em que acaba de entrar a fim de se comportar adequadamente nas diversas situações. Contudo, nem todos os alunos que passam pela escola se comportam conforme as normas estabelecidas. Muitos alunos rejeitam os objetivos ou os procedimentos valorizados pela escola e pela sociedade, sendo o seu comportamento visto como indisciplinado.

Para Freire (1997), um projeto de escola que busque a formação da cidadania precisa ter como objetivos: tratar todos os indivíduos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de bom; fazer com que a escola se torne mais atualizada para que os alunos gostem dela; e, ainda, garantir espaço para a construção de conhecimentos científicos significativos, que contribuam para uma análise crítica da realidade.

Deseja-se que a escola seja um espaço humanizado, democrático, onde se cultiva o diálogo e a afetividade, onde se pratica a observação e a garantia dos direitos humanos. Na prática, o que se espera é que a escola assuma um papel educativo e proporcione, através de uma visão sistêmica, a integração de todos os agentes envolvidos no processo, bem como o acesso das novas gerações à herança cultural acumulada, vista como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades e transformar o ser humano. Para que essa educação represente mudança deve-se cultivar, sobretudo entre os professores, uma postura de interesse pelas metas, realizações e problemas dos estudantes. Para Montoan (2003, p. 16), “nosso modelo educacional mostra

há algum tempo sinais de esgotamento e nesse vazio de idéias que acompanha a crise paradigmática é que surge o momento oportuno das transformações”. Essas transformações na escola não ocorrem por acaso ou por decreto, mas pela postura reflexiva e pela vontade coletiva da sua comunidade.

É importante também que a direção escolar atue de modo a oferecer apoio aos professores e aos alunos, tendo uma presença constante nos diversos espaços escolares, onde deve manter o relacionamento informal com professores e alunos. Espera-se que a direção escolar: expresse interesse pelas suas atividades, adotando uma postura de administrador-gestor que busca parcerias com outros espaços educativos; implemente inovações educacionais que melhor qualifiquem alunos e professores; desenvolva novas habilidades de estudo nos alunos; e introduza estratégias de aprendizagem cooperativas. Para Castro e Carvalho (2005, p. 41): [...] Uma escola, diferentemente de uma empresa comercial, não pode se contentar apenas com um administrador, mas precisa de um educador que lidere e crie liderança no percurso de realizações do projeto. Se assim forem conduzidas a definição e a realização de um projeto pedagógico, então, ele será sempre coletivo. Ou o projeto pedagógico será coletivo ou ele não será pedagógico

3.2 A postura do professor

É necessário que o professor desenvolva e conquiste maior autonomia para lidar com a indisciplina na sala de aula. Isso não significa deixar o professor sozinho com a indisciplina, mas fomentar um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico da equipe de apoio pedagógico em situações que requerem intervenção. Para Gómez (2000, p. 81): O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito

necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a justiça, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação. A indisciplina no cotidiano escolar. Assim, se no início do ano letivo há um encontro de desconhecidos, que se comportam com apreensão e que fazem avaliações mútuas, com o tempo, ocorre uma evolução educativa do indivíduo e do grupo, já que são realidades inacabadas que se constroem no processo de desenvolvimento e intervenção.

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo. É necessário que entre os pares estabeleça-se a forma de comunicação necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente. Vasconcellos (2003, p. 58) diz que: O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender. Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos.

3.3 O Aluno

A indisciplina na escola pode ter relação com o fraco rendimento escolar dos alunos. O seu insucesso pode levá-los a investir pouco nas tarefas escolares e a desinteressarem-se pela escola, desencadeando, eventualmente, emoções negativas, traduzidas em comportamentos inadequados. O jovem que não se desenvolveu normalmente manifesta (na escola ou fora dela) comportamentos inadequados, que são muitas vezes julgados como sendo comportamentos indisciplinados. Isso indica, então, a correlação entre indisciplina e moralidade.

4. FATORES EXTRÍNSECOS A ESCOLA

4.1 Família

O aluno leva para a escola os valores e atitudes que foi apreendendo até aquele momento. A indisciplina pode ser um reflexo da ausência de condições para uma adequada educação familiar.

O aluno desenvolve-se em um ambiente familiar em que personalidades diferentes encontram-se interligadas, na busca da satisfação de suas necessidades, sejam materiais ou afetivas. Como lembra Buscaglia (1993, p. 79) “a família é definida como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados subsistemas ainda menores, dependendo do tamanho da família e das definições de papéis”.

Os membros da família exercem forte influência no comportamento dos indivíduos em fase de amadurecimento emocional, pois este dependerá, em grande escala, de suas experiências emocionais anteriores, ou seja, aquilo que foi experimentado na infância desempenha importante papel durante os anos de adolescência.

É significativa a influência familiar sobre as atitudes e metas dos jovens. Cada família, como todo sistema, possui uma estrutura determinada, que se organiza a partir das demandas, interações e comunicações que ocorrem em seu interior e com o exterior. Esta estrutura forma-se a partir das normas transacionais da família, que informam sobre o modo e com quem devem relacionar-se cada um dos seus membros. Até hoje a família transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança.

Inserida em um contexto social bem mais amplo, a família, numa certa perspectiva, trata-se de uma cultura dentro de outra mais extensa, sobre a qual age e em relação a qual reage. Diante disso, a família não transmite todos os valores sociais, pois a formação de um jovem é fortemente influenciada pela estrutura das escolas e por uma sociedade conflituosa, instável, atingida por constantes mudanças.

Nesse cenário, a família deve assumir sua responsabilidade educativa, pois é nela que cada jovem aprende a desenvolver a individualidade, a tornar-se pessoa criativa em busca da auto-realização e a manifestar as qualidades fundamentais para o convívio social. A família, nos tempos atuais, é fortemente influenciada pelo fator econômico. A falta de estabilidade econômica desestrutura psicologicamente seus membros. A figura do pai, associada ao poder de sustento do lar, deixa de existir à medida que a crise econômica reduz os salários, condicionando famílias a uma total mudança de comportamentos devido à redução do padrão de vida. Para Aquino (1996a, p. 98), “é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito”. Para resguardar a efetividade de sua função educativa, a estrutura familiar precisa adaptar-se às circunstâncias novas e transformar determinadas normas, sem deixar, no entanto, de constituir um modelo de referência para os seus membros.

A escola e a família são dois sistemas que, tradicionalmente, têm estado bastante afastados, apesar de possuírem freqüentes relações ou interações, seja em nível institucional (associação de pais, conselho escolar, etc.) ou em

nível individual (relação família/professor). A escola, como sistema aberto que compartilha funções e que se inter-relaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social, torna-se uma instituição que recebe exigências de outras instituições e na qual convivem formas de agir diversas, muitas vezes desordenadas e freqüentemente contraditórias. Também os pais, com diferentes condições sócio-culturais, costumam esperar da escola, tarefas educativas muito diversas e, até mesmo, que a escola assuma ações que seriam próprias da família. É importante que a família defina que tipo de escola deseja para seu filho, no que concerne a aspectos como filosofia, métodos e regras disciplinares. A escola também precisa conhecer quais os valores e expectativas dos pais, para que possa saber se as concepções que permeiam tais expectativas favorecem o entendimento entre ambos, uma vez que a escola e família são duas instâncias nas quais os jovens passam a maior parte de suas vidas.

A importância da colaboração escola-família é notória, pois, quando as famílias participam da vida escolar, torna-se mais fácil a integração dos alunos e melhora a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Há estudos que evidenciam que o envolvimento dos pais está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos. O envolvimento dos familiares melhora a imagem da escola e o seu vínculo com a comunidade. Tal envolvimento significa uma educação de sucesso apoiada no binômio escola-família, já que não se aprende só na escola. Nesta, aprende-se a aprender, mas para aprender o indivíduo deverá ser estimulado por um meio ambiente favorável, sendo que é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam na sala de aula.

4.2 Meio Social

Tudo que hoje acontece meio social, tudo que passa na televisão ou na internet, é sem sombra de dúvida a base de exemplo que muitas crianças seguem.

Crianças muito e muito mais que adultos são facilmente influenciados por coisas que estão ao seu redor, no entanto fica claro que a sua influência, acaba por ser decisiva para explicar certos comportamentos que as crianças demonstram tanto em casa, na rua quanto na escola. Já se dizia crianças indisciplinadas em casa, crianças indisciplinadas na escola.

Certas manifestações de indisciplina não passam, muitas vezes, de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamento característicos de certos grupos. Através delas as crianças procuram obter a segurança e a força que lhes são dadas pelos respectivos grupos, adquirindo certo prestígio no seio da comunidade escolar. A turma é também um grupo, sem que, todavia, faça desaparecer todos os outros aos quais os alunos se encontram ligados dentro e fora da escola. Numa sociedade em que os grupos familiares estão desagregados, o seu espaço é cada vez mais preenchido por esses grupos formados a partir de interesses e motivações muito diversas.

5. CONSTRUÇÃO DA DISCIPLINA

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático, que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Não há “receitas”, “fórmulas” já prontas para as situações de indisciplina, ou para a formação da disciplina dado estas serem relacionais e circunstanciais. É preciso situá-la em seus termos, isto é, de acordo com as características e com os condicionamentos do aluno que a provoca ou da situação na qual se manifesta. Antunes (2002a, p. 25) salienta que “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Os encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola têm se mostrado efetivos, de acordo com a literatura especializada. Estudos indicam que uma diretriz disciplinar ampla, de base preventiva, é o melhor posicionamento que uma escola pode desenvolver para

garantir a disciplina. (GOTZENS, 2003; AQUINO, 1996a, 1996b, 2000, 2003; VASCONCELLOS, 2004; ANTUNES, 2002a, 2002b). Se o que se deseja é uma escola disciplinada, é importante compartilhar com os estudantes expectativas que reflitam uma apreciação quanto as suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à escola. Um outro elemento preventivo relevante na indisciplina é a adoção da modalidade de tutoria. É uma via polivalente de enorme interesse em que cada professor adota como tutor uma turma ou indivíduos de uma sala de aula ou da escola. Gotzens (2003, p. 66) afirma que “as tutorias são aplicadas mediante a ação coletiva e individual dirigida aos alunos ao longo da sua escolaridade, que incumbe logicamente a eles e a seu tutor, sendo que este último deve zelar pela harmonia entre alunos, professores e pais”.

CONCLUSÃO

No presente estudo se pode concretizar uma conhecida frase de Aquino (1996a, p. 40), “embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida”. A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar.

Com o presente estudo pode-se perceber que as escolas precisam desenvolver políticas internas para lidar de forma preventiva com a indisciplina, uma vez que na maioria dos casos isso não acontece no berço familiar, no convívio e com o meio social, havendo também a necessidade de programas de formação de professores voltados para a discussão de problemas vivenciados nas rotinas das escolas, para a idealização de soluções e para sua implementação. Embora seja difícil e complexo lidar com o problema da

indisciplina, o professor não pode desistir e nem se acomodar. Não pode deixar que a educação silencie e limite os alunos e que impeça seu desenvolvimento criativo e participativo em sala de aula. Precisa-se de uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o desenvolvimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática.

REFERENCIA

AQUINO, J. G. (ORG.) INDISCIPLINA NA ESCOLA: ALTERNATIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS. SÃO PAULO: SUMMUS, 1996A.

_____. CONFRONTOS NA SALA DE AULA: UMA LEITURA INSTITUCIONAL DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO. 11. ED. SÃO PAULO: SUMMUS, 1996B.

_____. DO COTIDIANO ESCOLAR: ENSAIO SOBRE A ÉTICA E SEUS AVESSOS. 2. ED. SÃO PAULO: SUMMUS, 2000.

BUSCAGLIA, L. VIVENDO, AMANDO E APRENDENDO. 15. ED. RIO DE JANEIRO: RECORD, 1993.

ARROYO, M. G. OFÍCIO DE MESTRE: IMAGENS E AUTO-IMAGENS. PETRÓPOLIS: VOZES, 2000.

CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. (ORG.). ENSINAR A ENSINAR: DIDÁTICA PARA A ESCOLA FUNDAMENTAL E MÉDIA. SÃO PAULO: PIONEIRA THOMSON LEARNING, 2005.

FREIRE, P. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA. 6. ED. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1997.

_____. PEDAGOGIA DE ESPERANÇA. 5. ED. RIO DE JANEIRO: PAZ E TERRA, 1998B.

FREITAG, B. ESCOLA, ESTADO E SOCIEDADE. 4. ED. SÃO PAULO: MORAES, 1980.

ANTUNES, C. PROFESSOR BONZINHO= ALUNO DIFÍCIL: A QUESTÃO DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA. PETRÓPOLES, RJ: VOZES, 2002A.

_____. NOVAS MANEIRAS DE ENSINAR, NOVAS MANEIRAS DE APRENDER. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2002B.

GÓMEZ, A. I. COMPREENDER E TRANSFORMAR O ENSINO. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2000.

MANTOAN, M. T. E. INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE É? POR QUÊ? COMO FAZER? SÃO PAULO: MODERNA, 2003.

WWW.BRASESCOLA.COM/UPLOAD/E/INDISCIPLINA.JPG

WWW.PEDAGOGIA.SEED.PR.GOV/MODULES/MOTICIAS